

Análise tipológica da variante /r/ retroflexo

Typological analysis of the /r/ retroflex variant

Manoella Gonçalves Bazzo¹

Resumo: Este artigo apresenta uma breve análise tipológica envolvendo a classe dos róticos com base nos trabalhos de Comrie (1989), Moravcsik (2013) e Whaley (1997). A metodologia empregada foi uma pesquisa bibliográfica, embasando-se em pesquisas em torno da variação dos róticos em algumas línguas do mundo. No caso do Brasil, destacam-se os trabalhos de Milani (2017), Castro (2013) e Brandão (2007), abordando a realização da variante retroflexa. Verificou-se que a presença dessa variante tende a ocorrer com mais frequência no contexto pós-vocálico; e no contexto precedente, com o /r/ seguido de consoantes oclusivas, fricativas ou nasais.

Palavras-chave: Tipologia linguística; fonologia; retroflexo.

Abstract: This article presents a brief typological analysis, involving the class of the rhotics based on the works of Comrie (1989), Moravcsik (2013) and Whaley (1997). The methodology used was a bibliographic search, based on researches about the variation of the rhotics in some languages of the world. In the case of Brazil, the works of Milani (2017), Castro (2013) and Brandão (2007) stand out, addressing the realization of the retroflex variant. It was found that the presence of this variant tends to occur more frequently in the post-vowel context; and in the previous context, with the /r/ followed by occlusive, fricative or nasal consonants.

Key words: Linguistic typology; phonology; retroflex.

Introdução

A abordagem tipológica, ao propor como metodologia a comparação entre as diferentes línguas do mundo, permite uma compreensão mais aprofundada sobre a estrutura linguística, com um panorama amplo sobre os diversos fenômenos linguísticos em diferentes línguas. Conseqüentemente, a descrição e a análise de qualquer língua, embasada em seus pressupostos, torna-se uma prática enriquecida nos argumentos e conhecimentos sobre diferentes aspectos relacionados à organização fonética e fonológica, sintática, morfológica, semântica e pragmática das línguas.

Apesar de os estudos tipológicos, em sua grande maioria, tratarem mais dos aspectos morfológicos e sintáticos das línguas (WHALEY, 1997; COMRIE, 1989), os

¹ Mestra em Estudos Linguísticos (UFG). Graduada em Letras – Língua Portuguesa (UEPA). E-mail: manugbazzo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5746-5306>

aspectos fonológicos também trazem grandes contribuições para a compreensão sobre a estruturação desses segmentos nas línguas pelo mundo, visto que há diferenças no repertório fonético de uma língua para outra, que são determinadas pelo contexto de ocorrência e de significação. Por exemplo, no Inglês, um grupo de consoantes de início de palavras pode incluir /s/ e /p/ sendo /sp/, mas não /ps/: spot (local), spoof (paródia). Já no Alemão, acontece o oposto: pode ocorrer /ps/ como em Psychologie, mas não ocorre o /sp/.

Nesse sentido, esse trabalho foi desenvolvido pretendendo apresentar uma breve tipologia fonológica dos róticos, com destaque para a variante retroflexa (doravante [ɺ]), tendo em vista sua forte presença em dialetos espalhados por todo o Brasil.

Essa variante carrega um grande estigma social, destacado desde a famosa obra de Amadeu Amaral (1920), *O Dialeto Caipira*. A partir desta obra, o retroflexo é caracterizado como “r caipira”, sendo seu uso presente em “[...] roceiros ignorantes e atrasados” (AMARAL, 1920, p. 01). Desde então sua ocorrência demarca socialmente pessoas, caracterizando esse uso de pessoas pouco instruídas, da zona rural e de pouco poder aquisitivo, estigmatizando pessoas e regiões pelo Brasil. Trata-se, portanto, de um típico caso de estereótipo sociolinguístico, ou seja, de um processo de avaliação social que alcança o campo linguístico, a partir de crenças e valores presentes em determinada comunidade (LABOV, 2008).

Acredita-se que trabalhos dessa natureza possam colaborar para a mudança de percepção sobre a produção fonética nos diferentes falares, ao propor, pelo método da comparação, a relação de tipos de língua, desmistificando conceitos arraigados na sociedade sobre questões de inferioridade ou superioridade linguística e preconceito linguístico.

Como problematização ficam os seguintes questionamentos: 1) Como o /r/ retroflexo se realiza em diferentes línguas pelo mundo?; 2) Quais características contribuem para a classificação das línguas que apresentam esse segmento em seu conjunto de róticos?

Esse artigo estrutura-se da seguinte forma: esta introdução; após, uma seção que apresenta a área da tipologia linguística, com um pouco de sua história e sua metodologia, tendo por base os trabalhos de Whaley (1997) e Comrie (1989); a

terceira seção trata sobre a tipologia fonológica e implicações para o trabalho com a fonologia das línguas baseado em Moravcsik (2013); a quarta parte apresenta uma tipologia sobre os róticos, com destaque para suas características nas línguas: português do Brasil (PB), espanhol e o catalão; a quinta seção aborda a tipologia da variante [ɹ], com destaque para sua presença em alguns estados brasileiros e comparando com algumas línguas do mundo como o espanhol de Costa Rica, o inglês da Escócia e o norueguês. Ao final apresento algumas considerações e discussões acerca do trabalho realizado e as referências.

A tipologia linguística

Até meados do século XIX, a tipologia era uma área pouco explorada ou marginal, muito voltada para abordagem histórica e comparativa. Contudo, os trabalhos de Friedrich Schlegel, *Observations sur la langue et la littérature provençales* (1818), e de Wilhelm von Humboldt, *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts* (Sobre a diferença na estrutura linguística humana e sua influência no desenvolvimento intelectual da humanidade) (1836), são considerados grandes contribuições para o que atualmente se compreende como estudos tipológicos, especialmente pela abordagem na questão de comparação linguística a partir da morfologia (RAMAT, 2010). Com forte influência de teorias evolucionistas, seus estudos iniciais percebiam a língua como uma unidade orgânica abstrata, cuja diacronia pode alterar sua forma, mas cuja essência permanecia. Isso colocou a morfologia como o centro de atenção nas pesquisas da época, permitindo a classificação das línguas em sua totalidade como: línguas afixais, línguas flexionais e línguas sem estrutura² (WHALEY, 1997).

Outra perspectiva que influenciou as análises neste período foi a ligação das línguas com unidades mentais: a linguagem como representação do pensamento. Conforme Whaley (1997), Humboldt assumia que “[...] a estrutura da linguagem

² Línguas afixais são aquelas que permitem que vários morfemas sejam afixados às suas raízes lexicais; línguas flexionais também permitem a afixação, mas esses carregam valores semânticos complexos, como pluralidade e tempo no mesmo afixo; e as línguas sem estrutura, como o próprio nome sugere, possuem poucos afixos (WHALEY, 1997).

revelava a capacidade intelectual”³ (WHALEY, 1997, p. 21). Isso permitiu relações binárias do tipo: cultura superior, língua superior e cultura inferior, língua inferior. Contudo, atualmente, a partir dos vários estudos realizados, é legitimado na linguística que relações desse tipo são absurdas, apresentando nenhuma lógica.

Somente no início do século XX, os estudos tipológicos passam a ganhar destaque, devido ao desenvolvimento da teoria estruturalista de Saussure, com o enfoque ao sincrônico da mudança linguística, permitindo ampliar as análises do campo morfológico para o sintático, tendo em vista que as línguas poderiam pertencer a diferentes tipos.

Contudo, como explica Whaley (1997), a grande revitalização da tipologia surge a partir das pesquisas de Greenberg, com o foco nas estruturas linguísticas com a ordem dos constituintes, na qual classifica as línguas em seis grandes tipos de ordem sendo: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV e OVS, em que S – sujeito, V – verbo e O – objeto.

Nesse trabalho pioneiro, Greenberg fortalece o campo sintático dentro da análise tipológica desenvolvendo 45 (quarenta e cinco) universais sobre a ordem dos constituintes. Para tanto, ele trouxe as contribuições da Escola de Praga sobre os universais, destacando os universais implicacionais como: “Tendo x em uma língua específica, sempre encontraremos y”⁴ (GREENBERG, 1963, p. 73); esses são considerados bidimensionais e unilaterais, ou seja, X implica em Y, mas Y não implica X.

O trabalho da tipologia se baseia em certas propriedades ou padrões que são compartilhados pelas línguas. Nessa busca por padrões, a tipologia faz uso dos universais linguísticos, a fim de definir as possibilidades de variações entre as línguas (COMRIE, 1989). Os universais contribuem no trabalho da comparação tipológica, pois, a partir desses, alguns aspectos são considerados na proposta de tipologizar as línguas. Dessa forma, conforme o exemplo anterior, o seguinte universal foi composto por Greenberg (1963, p. 77):

Universal 1. Em sentenças declarativas com sujeito e objeto nominais, a ordem

³ No original: “[...] language structure was revelatory of intellectual capacity”.

⁴ No original: “Given x in a particular language, we always find y”.

dominante é quase sempre aquela em que o sujeito precede o objeto⁵.

Baseado nesse universal é possível realizar o agrupamento de diversas línguas, como apresentado por Tomlin (1986 *apud* WHALEY, 1997). Numa amostra de 402 línguas, 385, ou seja, 96% apresentavam o sujeito antes do objeto nas sentenças declarativas, contra 17 (4%) das que apresentavam o objeto antes do sujeito.

A partir disso, entende-se que a tipologia linguística é um trabalho metodológico de comparação entre as línguas, com a finalidade de classificá-las quanto aos tipos linguísticos, no qual, “[...] sobre alguns parâmetros, estabelece-se certa quantidade de tipos logicamente possíveis e, em seguida, atribui-se cada língua da amostra a um ou outro desses tipos”⁶ (COMRIE, 1989, p. 34). Parte do princípio de que as línguas variam, mas que apesar da diversidade e das diferenças entre as línguas, existem características que são semelhantes entre elas, por isso caracterizá-las quanto aos tipos.

A tipologia fonológica

Conforme Maddieson (2013, p. 534, tradução nossa), a tipologia fonológica foi criada como “uma maneira de entender como os padrões de som das línguas variam e, em particular, quais são os limites dessa variação”⁷. Isso possibilitou tipologizar as línguas no mundo a partir de diferentes fatores relacionados à fonologia como “[...] o inventário de sons, a sequência de sons e sua ocorrência em diferentes posições estruturais”⁸ (MADDIESON, 2013, p. 534, tradução nossa).

Tais fatores são destacados por Moravcsik (2013) como elementos importantes para a gramaticalidade das línguas, possuindo nomenclatura própria. De forma sucinta, eles são apresentados a seguir.

A **disponibilidade de constituintes**, ou seja, as línguas comportam certos

⁵ No original: “In declarative sentences with nominal subject and object, the dominant order is almost always one in which the subject precedes the object”

⁶ No original: “[...] on some parameter, on establishes a certain number of logically possible types, and then assigns each language of the sample to one or other of these types”.

⁷ No original: “One way to understand how the sound patterns of languages vary, and in particular what limits there are on this variation”.

⁸ No original: “the inventory of sounds, the sequencing of sounds, and their occurrence in different structural positions”.

tipos de sons e outros não. Dessa forma, um tipo de constituinte fonético pode ser comum para uma língua, mas totalmente inexistente em outra. É o caso da formação de vogais anteriores altas arredondadas e não arredondadas. No inglês, a vogal arredondada anterior alta não faz parte do conjunto de sons típicos dessa língua, enquanto o alemão comporta ambos os sons (MORAVCSIK, 2013).

Outro aspecto importante é a **escolha adequada a um determinado contexto**, visto que alguns sons dependem de certos arranjos fonéticos para sua ocorrência. É assim que a pronúncia de /ʃpriŋ/ para o vocábulo SPRING (primavera), no inglês, não ocorre, pois, no dialeto padrão dessa língua, a união desses três sons /ʃpr/ não aparece em início de palavra; ao contrário do alemão, que aceita essa formação (ex.: SPRACHE /ʃpraxə/ - língua) (MORAVCSIK, 2013).

Ainda, considerando o contexto de ocorrência, os sons das línguas podem variar gerando variantes de um mesmo som (alofones), ou seja, “[...]assim como as palavras e os morfemas, os sons também são camaleões: têm diferentes variantes e a escolha entre elas depende do contexto”⁹ (MORAVCSIK, 2013, p. 151, tradução nossa). Com isso, em alguns dialetos do português, “o fonema /t/ ocorre como o alofone /tʃ/ diante de [i] e suas variantes, e o fonema /t/ ocorre como o alofone [t] nos demais ambientes” (CRISTÓFARO-SILVA, 2001, p. 132). Para exemplificar, considerem-se os dados: tatu [tatu], tapete [tapetʃi], tomate [tumatʃi], tela [tɛla], tijolo [tʃiʒolu], atitude [atʃitudʃi]. Observa-se que, diante do contexto antes do som [i], o fonema /t/ só ocorre como /tʃ/, independentemente do local onde ocorra (início de palavra, meio da palavra ou final de palavra).

Outro parâmetro destacado por Moravcsik (2013) é o **ordenamento temporal dos constituintes**, que considera que os sons nas línguas se ordenam de forma correta numa sequência que pode variar de língua para língua. Um exemplo é a formação inicial de palavras no inglês, cujo grupo de consoantes pode incluir /s/ e /p/ sendo /sp/, mas não /ps/, ocorrendo o oposto no alemão.

Tendo isso por base, a tipologia fonológica é uma forma de agrupar línguas a partir dos “[...] modos diferentes pelos quais os sons e as características sonoras das línguas se organizam em sistemas fonológicos e em estruturas silábicas” (ROBINS,

⁹ No original: “Just as words and morphemes, sounds, too, are chameleon-like: they have different variants and the choice among them depends on the context”.

1981, p. 339). Em síntese, assim como na sintaxe e na morfologia, o sistema fonológico das línguas apresenta diferenças em quatro parâmetros paralelos básicos:

- 1 – que sons estão disponíveis nas línguas?
- 2 – quais sons podem co-ocorrer numa construção particular?
- 3 – quais são suas formas variantes?
- 4 – como eles estão ordenados? (MORAVCSIK, 2013).

Esses parâmetros contribuem para direcionar os estudos tipológicos, buscando compreender, principalmente, quais são seus limites entre as línguas do mundo. Ainda, servem ao objetivo atual da tipologia fonológica que é “entender por que os padrões de frequência relativa e de co-ocorrência são como são”¹⁰ (MADDIESON, 2011, p. 534).

Alguns domínios em resposta a esse objetivo se tornaram importantes, sendo: certos padrões envolvendo a formação de palavra ou de sílabas, como o processo de harmonia, da distribuição complementar, da neutralização, e outros envolvendo a ordem dos sons, como a hierarquia sonora, a resolutividade, a posição tônica, e as relações temporais e de marcação (MORAVCSIK, 2013).

Os róticos

A classe dos róticos é um agrupamento fonético muito rico e variado que caracteriza o som da variável <R>, exibindo diferentes variantes dependendo do modo e do lugar de articulação (LADEFOGED; MADDIESON, 1996).

Por sua riqueza de modos e lugares de articulação, os róticos ganham destaque nos estudos linguísticos, sendo um som muito presente nas línguas. Cristófaró Silva (2001) destaca 7 (sete) ambientes ou contextos de variação para a ocorrência dos róticos nos estudos fonéticos, como: intervocálico, início de palavra, final de sílaba antes de consoante vozeada e outros. Além disso, os róticos comumente ocupam lugares privilegiados dentro da estrutura silábica, funcionando, em alguns momentos como núcleo da sílaba (LADEFOGED; MADDIESON, 1996).

Conforme explica Cristófaró Silva (2001), no português brasileiro (PB), o

¹⁰ No original: “To understand why the patterns of relative frequency and co-occurrence are as they are”.

segmento /R/ pode apresentar características fonêmicas, tornando-se **r fraco** e **R forte**. Esses dois fonemas podem ser considerados alofones ou pares mínimos, dependendo do contexto em que estão inseridos dentro do vocábulo. O contraste fonêmico só ocorre em posição intervocálica, como caro/carro, tora/torra, careta/carreta. O **r fraco** e o **R forte** perdem o contraste fonêmico na posição de final de sílaba. No português brasileiro (PB), por exemplo, esse segmento pode apresentar diferentes variantes em sua realização como:

- Fricativa glotal desvozeada [h]: ca[h]eta, ama[h]a, ca[h]ta;
- Fricativa velar surda [X]: [X]ata, ta[X]de, ma[X];
- Fricativa velar sonora [ɣ]: ca[ɣ]ga, ama[ɣ]ga
- Aproximante retroflexa [ɻ]: po[ɻ]ta, pasto[ɻ], co[ɻ]da;

O espanhol também apresenta um fenômeno semelhante ao contraste fonêmico entre **r fraco** e o **R forte** em posição intervocálica, contudo utilizando os fonemas tepe [r] e a vibrante [r] (BLECUA; CICRES; GIL, 2014). Em outros contextos há a predominância de um ou outro fonema. Portanto, no início de palavra e em início de sílaba interna, a variante usada é a vibrante alveolar [r]; e em contexto seguindo consoante na mesma sílaba e final de sílaba antes de consoante, a variante padronizada é a tepe (PROCTOR, 2010).

No catalão falado no norte da Espanha, ocorre algo parecido com o espanhol, com a predominância das variantes tepe e vibrante nessa língua e nos mesmos contextos de ocorrência. A única diferença acontece com a localidade onde o catalão é falado, nos contextos de final de sílaba antes de consoante e final de palavra. “No catalão ocidental, os róticos geralmente são tepes, como em muitos dialetos espanhóis. No centro da Catalunha, incluindo as áreas de Barcelona e Girona, eles são vibrantes”¹¹ (PADGETT, 2003, p. 02, tradução nossa).

O Quadro 1, abaixo, sintetiza a ocorrência das variantes róticas nas línguas aqui destacadas:

¹¹ No original: “In Western Catalan, rhotics here are generally taps, as in many Spanish dialects. In Central Catalan, including the areas of Barcelona and Girona, they are weak trills”.

Quadro 1 – Ocorrência das variantes róticas nas línguas PB, espanhol e catalão

Contexto	PB	Espanhol	Catalão
Intervocálico	[r], [h], [X], [r]	[r] ou [r]	[r] ou [r]
Início de palavra	[r], [h], [X], [r]	[r]	[r]
Final de sílaba seguida de consoante	[r], [h], [X], [r], [ɹ], [ʎ]	[r]	[r] ou [r]
Seguindo C na mesma sílaba	[r]	[r]	[r]

Fonte: Blecua; Cicres; Gil (2014); Cristófarro-Silva (2001); Padgett (2003); Proctor (2010).

Alguns exemplos, baseados nas informações do Quadro 1, seguem:

1) intervocálico

PB	caro ['karo]	carro ['kaRo] ¹²
ESPAÑHOL	coro ['koro]	corro ['koro] (roda)
CATALÃO	['parə] ¹³ (pai)	['par:ə] (videira)

2) início de palavra

PB	rata ['Rata]
ESPAÑHOL	rata ['rata]
CATALÃO	'r:ɔtʃ (vermelho)

3) final de sílaba seguida de consoante

PB	carta ['kaRta]
ESPAÑHOL	carta ['karta]
CATALÃO	'fɔrmə (forma)

4) seguindo consoante na mesma sílaba

PB	prata ['prata]
ESPAÑHOL	abre ['abre]
CATALÃO	teatro [te'atro]

De acordo com Ladefoged e Maddieson (1996), 75% das línguas do mundo possuem uma forma de rótico em seu conjunto fonético, sendo que “essas línguas

¹² Considerando a grande variabilidade de ocorrência de /r/ neste contexto, utiliza-se [R] como um arqifonema representativo de todas as possibilidades existentes.

¹³ Os exemplos foram retirados do trabalho original de Padgett (2003) e não são apresentados na escrita formal, somente na transcrição e tradução.

geralmente têm um único /r/, e é mais comum ser alguma forma vibrante, mas 18% das línguas com /r/ contrastam dois ou três róticos”¹⁴ (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 217, tradução nossa). Neste caso, o PB, o espanhol e o catalão pertencem ao grupo de línguas que possuem o rótico em seu conjunto fonético, sendo uma delas uma vibrante (trill).

A variante tepe aparece na posição intervocálica na maior parte das variedades do espanhol (LADEFOGED; MADDIESON, 1996). Isso confere com os exemplos aqui apresentados, e se estende para o português que, apesar de não ser derivada do espanhol, possui uma origem comum, que pode explicar a proximidade dessa característica nessas línguas.

Além disso, essa tendência se verifica no inglês americano em contexto plosiva alveolar pré-silábica pós-tônica (que em análise se verifica como um contexto intervocálico) como em *city*, *later* e *ladder* (LADEFOGED; MADDIESON, 1996). Apesar da grafia não apresentar um rótico, a pronúncia dessas palavras com esse contexto tende para a presença dessa variante. Essa variação não se apresenta no inglês britânico, que mantêm a sonoridade da consoante, apesar de também apresentar o apagamento do /r/ em final de sílaba. Ao se destacar o maior contato do inglês americano com línguas espanholas, pode-se encontrar uma forma de contato linguístico que favoreça o fenômeno aqui presente.¹⁵

Considerando, por fim, os parâmetros destacados por Moravcsik (2013), têm-se:

- 1) disponibilidade de constituinte: todas essas três línguas possuem o fone rótico, sendo a quantidade de variantes diferentes entre o PB (que apresenta um maior número) e o espanhol e o catalão (que possuem apenas 02 variantes);
- 2) escolha adequada a um determinado contexto: verificou-se que dependendo do contexto, diferentes variantes de <R> ocorrem, sendo que há contextos que possibilitam um maior número de variantes (pós-vocálico) e outros não (seguindo C na mesma palavra);

¹⁴ No original: “These languages mostly have a single /r/, and it is most commonly some form of trill, but 18 percent of languages with /r/’s contrast two or three rhotics”.

¹⁵ Esse destaque é uma suposição realizada a partir da análise gerada desses dados. Entende-se que um estudo mais profundo dessa realidade é necessário ou talvez exista, mas não foi encontrado na coleta de dados, e outras implicações de cunho histórico, linguístico e social interferem para essa variação presente no inglês americano que não cabe ao presente trabalho aprofundar.

- 3) mudança de comportamento de acordo com a situação: observou-se que há mudança de significado em contexto intervocálico;
- 4) um ordenamento temporal certo dos constituintes: as produções róticas, nessas línguas, não servem como núcleo de sílaba, mas sempre acompanham uma vogal ou combinam em sílabas complexas de encontros consonantais (por exemplo: pr/ br/ tr).

O /r/ retroflexo

Das línguas analisadas, somente o português brasileiro (PB) apresentou uma gama maior de variantes para a <R>, sendo uma delas a variante retroflexa, que no Brasil é conhecido como “R caipira”, o qual tem familiar semelhança com o /r/ pós-vocálico do inglês (AMARAL, 1920).

O retroflexo é um fenômeno pouco presente entre as línguas (SOLHAUG, 2010; HAMANN, 2003), contudo é um fenômeno presente em quase todos os estados do Brasil (BRANDÃO, 2007). Foneticamente, o retroflexo compreende “[...] um conjunto de sons da fala que é produzido dobrando ou enrolando a ponta da língua para trás”¹⁶ (SOLHAUG, 2010, p. 09, tradução nossa) e pode estar presente em outros sons além do /r/, como plosivas e nasais.

Sobre a origem desse segmento no português brasileiro (PB), não existe um consenso entre os autores. Amaral (1920) enfatiza uma origem indígena para esse segmento a partir do contato linguístico entre português europeu (PE) e a língua tupi falada pelos grupos indígenas nos séculos iniciais da colonização. Essa pauta é defendida por Aguilera e Silva (2011), visto que os indígenas não apresentavam o fone /r/ e o // em coda silábica, como ocorria com os portugueses. Por isso:

se pensarmos na realização lusitana alveolar e velar do /r/ em coda silábica, como em mal, sol, falta, calma, é fácil deduzir a dificuldade de nossos indígenas e dos mestiços na realização da lateral em contexto CVC. A tentativa de aproximar a lâmina da língua ao palato, na realização da lateral em coda, poderia ter, naturalmente, levado à realização de um /r/ retroflexo (AGUILERA; SILVA, 2011, p. 126).

¹⁶ No original: “A set of speech sounds which is produced by bending or curling the tip of the tongue backwards”.

De acordo com Prezia (1998), a presença do retroflexo em língua indígena brasileira foi destacada no trabalho de Borba, de 1908, na qual reconhece a presença de um /r/ forte e gutural na língua do extinto povo Oti, da família Jê.

Head (1987), contudo, critica essa versão da origem desta variante no PB, por falta de dados reais de caráter fonéticos e fonológicos que a justifique e, por isso, defende a origem da variante retroflexa a uma mudança de caráter estrutural dentro da fonética. Para o autor, esse fone é típico do PB, visto não se apresentar no PE, sendo um produto da variação e mudança ocorrida a partir de consoantes líquidas anteriores [l] > [ɻ], ao considerar algumas características fonéticas em comum entre elas: são fonemas da classe líquidas anteriores; ambas são as únicas consoantes que podem ocorrer no ataque complexo de sílaba (C_V(C)); podem ocorrer em final de sílaba interna ou externa; podem sofrer os processos de vocalização e apagamento (HEAD, 1987).

Muitos estudos têm sido realizados sobre a ocorrência do [ɻ] em dialetos brasileiros, como Aguilera e Silva (2011), Castro (2013), Leite (2010), Oushiro e Mendes (2011) e Silva (2016), bem como de sua presença em outras línguas do mundo (BLECUA; CICRES; GIL, 2014; PADGETT, 2003; PROCTOR, 2010; SOLHAUG, 2010;), o que contribuiu para alcançar um *corpus* satisfatório para a presente proposta de análise tipológica, verificando a ocorrência dessa variante em diferentes línguas e sua distribuição dentro do espaço brasileiro.

Analisando os dados apresentados nos trabalhos de Milani (2017), Castro (2013) e Brandão (2007), destacam-se algumas tendências presentes nas realizações da [ɻ] em ambiente pós-vocálico:

1. Ocorrência antes de consoantes oclusivas, no contexto de coda interna, sendo com maior frequência antes de /p/, /t/, /k/, /d/, /g/, e menor frequência antes de /p/ e /b/:

Ex.: mo[ɻ] ta , co[ɻ] dão, ca[ɻ]gueiro, tube[ɻ]culoso

2. Ocorrência antes de consoantes fricativas, também no contexto de coda interna, sendo/v/, /s/ e /z/: á[ɻ]vore, conver[ɻ]sando;
3. Ocorrência antes de nasais, /n/ e /m/, também em coda interna: to[ɻ]neira, mo[ɻ]maço;

4. Rotacismo: vo[ɰ]ta, ca[ɰ]canhar, so[ɰ].

No estado de São Paulo, alguns trabalhos realizados destacam a presença da variante retroflexa muito ligada a comunidades interioranas, como na cidade de São José do Rio Preto, com ocorrência desse segmento em diferentes vocábulos e como a variante de maior frequência: do[ɰ]mir, cu[ɰ]sinho, i[ɰ]mãos (ARONNE, 2010). Algumas realizações foram verificadas na capital, ocorrendo com maior frequência após uma vogal alta e seguida de uma consoante coronal (OUSHIRO; MENDES, 2013); sendo sua realização mais frequente em moradores dos bairros mais periféricos e de classe baixa (OUSHIRO, 2015).

Analisando esses trabalhos, observa-se que o ambiente de maior ocorrência da variante [ɰ] é o contexto pós-vocálico, tanto no PB quanto outras línguas do mundo. No inglês da Escócia, Lawson, Scobbie e Stuart-Smith (2011) destacam a presença da variante retroflexa [ɰ] no contexto pós-vocálico. Esse ambiente tem apresentado grande complexidade na ocorrência do /r/, com parâmetros sociais e linguísticos envolvidos. Conforme os autores há uma tendência para o fortalecimento do uso das variantes de <R>, no contexto pós-vocálico, pela classe média, enquanto que a classe trabalhadora tende à desroticização com o apagamento ou vocalização.

Ex.:

far (longe)

[faɰ] - produção pela classe média com a variante retroflexa

[fɑ^(ç)] - produção pela classe trabalhadora com um processo faringalizado

Porras (2014) aponta a ocorrência da variante retroflexa na fala de mulheres estudantes universitárias na Costa Rica. Existe um padrão de contexto verificado que foi antes de consoantes dentais e alveolares, sendo que o contexto das alveolares sonoras foi o que mais se destacou. Apesar de não apontado pela autora, o ambiente escolhido foi o final de sílaba em coda interna, que também é um contexto pós-vocálico como nas palavras: verde, perla, arte. Os vocábulos que mais apresentaram a variante na pesquisa realizada destacam o contexto seguido das consoantes // e /n/:

1. ve[ɰ]lo (veja isso)

2. vie[ɹ]nes (sexta-feira)
3. pe[ɹ]la (pérola)
4. Ca[ɹ]los
5. invie[ɹ]no (inverno)

No norueguês, a variante retroflexa também ocorre no contexto pós-vocálico, seguido de consoantes dental-alveolar [t, d, n, l, s], afetando o segmento seguinte (SOLHAUG, 2010).

- bart [baɹ] (bigode)
- jarl [ja:l] (conde)
- kors [kɔʂ] (cruz)
- barn [ba:rŋ] (criança)

Considerando todos esses trabalhos e diante da realidade da variante [ɹ], podem-se propor algumas tendências relacionadas à ocorrência do /r/ retroflexo:

- Para todas as línguas:

TEND. 1: O contexto pós-vocálico é o que mais favorece a ocorrência da variante [ɹ] quando presente numa língua.

- Para a realidade brasileira:

TEND. 2: Quando em coda interna, a variante [ɹ] tende a ocorrer seguida de consoantes oclusivas, fricativas ou nasais.

TEND. 3: Quando da presença da variante [ɹ] no dialeto, o fenômeno do rotacismo tende a acontecer.

Utilizando os parâmetros destacados por Moravcsik (2013), observa-se que:

- 1) disponibilidade de constituinte: todas as línguas abordadas neste capítulo apresentam a variante retroflexa em seu grupo fonético;
- 2) escolha adequada a um determinado contexto: o uso dessa variante, na maior

- parte dessas línguas, ocorre no contexto pós-vocálico;
- 3) mudança de comportamento de acordo com a situação: observou-se que no caso do PB, essa variante ocorre como na troca do [l] pela rótica; e no caso do norueguês, o segmento seguinte ao /r/ passa pelo processo de assimilação, modificando sua produção fonética;
 - 4) um ordenamento temporal certo dos constituintes: aqui também se verifica que a variante [ɹ], nessas línguas, não serve como núcleo de sílaba, mas sempre acompanham uma vogal.

Discussões e considerações

Esse trabalho favoreceu a análise fonológica, com destaque para a produção dos róticos em algumas línguas do mundo, como o português brasileiro, o espanhol e o catalão; e particularmente, a realização da variante retroflexa dentro do Brasil, bem como em algumas línguas do mundo, como espanhol, o norueguês e no inglês da Escócia.

Fundamentada em uma abordagem bibliográfica, reunimos trabalhos que pudessem colaborar para a proposta de tipológica de comparação das línguas, ressaltando alguns fenômenos linguísticos em destaque, como foi o caso dos róticos e suas variantes.

Retomando os questionamentos iniciais desse trabalho, pode-se verificar que a [ɹ] está presente em muitas línguas do mundo, ora ocorrendo em diferentes contextos linguísticos, como é no caso dos dialetos brasileiros, ora menos, sendo o contexto pós-vocálico o que mais favorece sua realização. Percebemos ainda que há línguas cuja variante não faz parte de seu sistema, como o espanhol e o catalão, apesar de serem línguas de uma mesma família linguística, o latim.

A característica principal que classifica as línguas no uso desse segmento é quanto ao contexto linguístico em que ela ocorre, o pós-vocálico. No Brasil, a realização da variante é favorecida linguisticamente pela presença de consoantes oclusivas, fricativas ou nasais no contexto seguinte, em coda interna, conforme apontado nos trabalhos de Brandão (2007), Castro (2013) e Milani (2017).

Outra questão percebida relaciona-se às questões de avaliação social sobre a

realização dessa variante. Se voltarmos um olhar político e social sobre esse segmento, observa-se que, em outras línguas do mundo, essa variante apresenta um *status* positivo dentro da comunidade, como no inglês da Escócia (LAWSON, SCOBIE; STUART-SMITH, 2011) e no espanhol da Costa Rica (PORRAS, 2014). Com relação ao contexto brasileiro, o uso da variante retroflexa já foi caso de muita discussão envolvendo avaliações mais negativas, especialmente, a partir de Amaral (1920), que caracterizou essa variante como parte do dialeto caipira, associado a roceiros e ignorantes do interior de São Paulo.

Contudo, o avanço nos estudos sociolinguísticos tem apresentado novas avaliações e atitudes dos falantes diante da realização da variante em diferentes comunidades linguísticas, principalmente pelo avanço da variante por outros espaços dentro do Brasil e pela relação com contextos de rodeios e fazendas e pessoas famosas fazendo uso da variante (AGUILERA; SILVA 2015).

Dessa forma, a comparação entre as línguas, favorecida pelo trabalho tipológico, pode contribuir para a reflexão acerca de preconceitos relacionados às línguas com vistas à quebra de paradigmas, tais como “línguas inferiores x línguas superiores”, “culto x inculto”, “certo x errado”.

Essa relação entre tipologia e política, por exemplo, só é possível porque a prática tipológica permite e favorece o diálogo com diferentes teorias, seja dentro da própria linguística como: a morfologia, a sintaxe; seja fora dela, como: a antropologia e a sociologia, na compreensão do funcionamento das línguas. Isso pode colaborar também na descrição de línguas ágrafas, como ocorre em diversos trabalhos realizados com línguas indígenas, e na reconstrução de línguas antigas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 1920. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000004.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2018.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. Uma nova configuração do caipira: ecos do /r/ retroflexo. *Revista da ABRALIN*, [S.l.], v. 14, n. 1, ago. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42490>. Acesso em: 14 ago. 2018.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras - MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do

- projeto do Atlas Linguístico do Brasil. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, [S.l.], v. 8, fev. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7962>. Acesso em: 16 ago. 2018.
- ARONNE, Alessandra. *Estudo das características fonético-fonológicas da variedade falada em São José do Rio Preto*. 2010. 282 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05052011-163058/en.php>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- BLECUA, Beatriz; CICRES, Jordi; GIL, Juana. Variación en las róticas del español y su implicación en la identificación del locutor. *Revista de Filología Románica*, v. 31, p. 13, 2014. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/38842109.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Nas trilhas do –r retroflexo. *Signum: Estudos Linguísticos.*, Londrina, n. 10/2, p. 265-283, dez. 2007. Disponível em: encurtador.com.br/osGXZ. Acesso em: 05 jul. 2018.
- CASTRO, Vandersí Sant’Ana. O “r caipira” em Mato Grosso do Sul – estudo baseado em dados do ALMS, Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 566-575, jan./abril 2013. ISSN 1413-0939. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1129>. Acesso em: 14 ago. 2018.
- COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology. Syntax and Morphology*. 2 nd Edition. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001. 261 p.
- GREENBERG, Joseph. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, Joseph (ed.). *Universals of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1963. 58-90pp.
- HAMANN, Silke Renate. *The phonetics and phonology of retroflexes*. Utrecht: LOT, 2003, p. 01-06. Disponível em: encurtador.com.br/imqJW. Acesso em: 30 jul. 2018.
- HEAD, Brian F. Propriedades fonéticas e generalidade de processos fonológicos: o caso do "r" caipira. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 13, p. 5-39, 1987. Disponível em: encurtador.com.br/lqxB6. Acesso em: 23 ago. 2018.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESEON, Ian. Rhotics. In: LADEFOGED, Peter; MADDIESEON, Ian. *The sounds of the world’s languages*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 1996, p. 215-244.
- LAWSON, Eleanor; SCOBIE, James M.; STUART-SMITH, Jane. The social stratification of tongue shape for postvocalic/r/in Scottish English. *Journal of Sociolinguistics*, v. 15, n. 2, p. 256-268, 2011. Disponível em: encurtador.com.br/cotG3. Acesso em: 24 jul. 2018.
- LEITE, Cândida Mara Britto. Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos (Social stereotypes and their implications for sociolinguistic studies). *Estudos da Língua(gem)*, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 91, Jul. 2011. Disponível em:

- encurtador.com.br/uCVZ3. Acesso em: 24 ago. 2018.
- MILANI, Sebastião Elias. Fonemas em coda silábica da fala dos goianos. *Web Revista Sociodialeto*, [S.l.], v. 8, n. 22, p. 154-172, jun. 2018. ISSN 2178-1486. Disponível em: encurtador.com.br/dkqwJ. Acesso em: 21 ago. 2018.
- MADDIESON, Ian. Typology of phonological systems. In: SONG, Jae Jung (ed.). *The Oxford handbook of linguistic typology*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- MORAVCSIK, Edith A. The sounds of languages: phonological typology. In: MORAVCSIK, Edith A. *Introducing language typology*. New York: Cambridge University, 2013. p.150-191.
- OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 394 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: encurtador.com.br/fmDNO. Acesso em: 20 jan. 2021.
- OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. A pronúncia de (-r) em coda silábica no português paulistano. *Revista do GEL*, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2011. Disponível em: encurtador.com.br/apuHK. Acesso em: 14 ago. 2018.
- PADGETT, Jaye. *Systemic contrast and Catalan rhotics*. 2003. Universidade da Califórnia, Santa Cruz. Disponível em: encurtador.com.br/kAIW1, Acesso em: 04 ago. 2018.
- PREZIA, Benetido. Oti – o extermínio de um povo. *Jornal Porantim*, Brasília: CMI, n. 209, out. 1998. Arquivo José Carlos Bahiana Machado Filho. Disponível em: <http://terre.indigene.free.fr/etnias/OTI.htm>. Acesso em: 19 ago. 2018.
- PORRAS, Elber Aguilar. La ocurrencia de la aproximante retrofleja ante consonantes dentales y alveolares en estudiantes universitarias de la Universidad Nacional. *Revista de Lenguas Modernas*, n. 20, 2014. Disponível: encurtador.com.br/nW137. Acesso em: 24 jul. 2018.
- PROCTOR, Michael Ian. *Gestural characterization of a phonological class: the liquids*. 221 p. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) -Yale University, 2010. Disponível em: <http://www.mproctor.net/docs/diss/>. Acesso em: 04 ago. 2018.
- RAMAT, Paolo. The (early) history of linguistic typology. In: SONG, Jae Sung (org.). *The Oxford handbook of linguistic tyology*. Oxford: Oxford University Pres, 2010.
- ROBINS, Robert Henry. Comparação Linguística. *Linguística Geral*. 2 ed. Porto Alegre: Rio de Janeiro, 1981. p. 305-357.
- SOLHAUG, Tor Havard. *Retroflexion in norwegian*. 2010. 122 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Geral) – Universidade de Tromso, Hosten, 2010. Disponível em: encurtador.com.br/lqryT. Acesso em: 24 jul. 2018.
- WHALEY, Lindsay J. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 1997, p. 03-53.

Recebido em: 05/10/2020

Aceito em: 28/02/2021